

LIA BOCK
MANUAL DO MIMIMI

DO CASINHO AO
CASAMENTO
(OU VICE-VERSA)



9

SOLTA,
SOLTEIRA,
SOLTINHA 96

8

VOLTE PARA O
COMEÇO DO
TABULEIRO! 85



7

NÃO FOMOS
FELIZES PARA
SEMPRE 72

1

DORMINDO
FORA
DE CASA 7



6

DIZENDO
ALGUMAS
VERDADES... 57



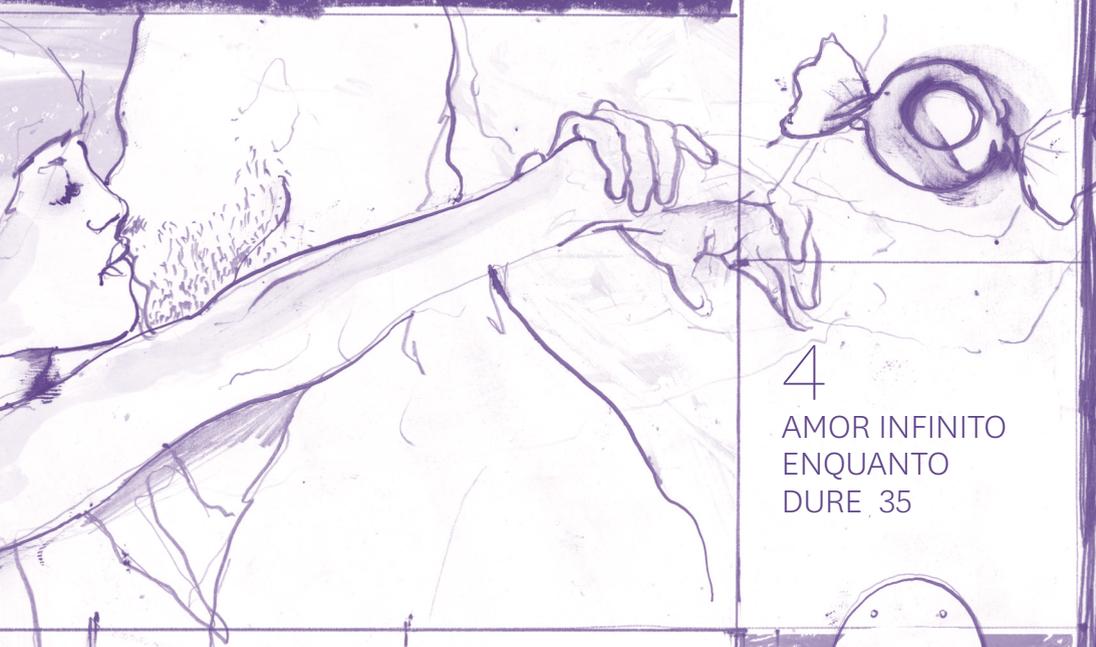
2

É NAMORO!!! 17



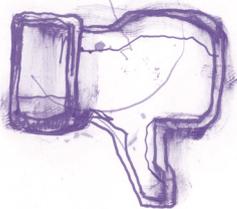
3

FAZENDO
PLANOS 24



4

AMOR INFINITO
ENQUANTO
DURE 35



5

NA SAÚDE
E NA
DOENÇA 43





SEMPRE CHEGA AQUELS MOMENTO
EM QUE A COISA QUE VOCÊ MAIS QUER
NA VIDA É **NÃO FAZER**

DORMINDO FORA DE CASA



1

STATUS:
SOLTEIRA, MAS
NEM TANTO

Sempre chega aquele momento em que a coisa que você mais quer na vida é um namorado, aquela pessoa que sabe exatamente o que e como você gosta, aquele ser que dorme com a boca na sua nuca e com quem você não precisa combinar de passar a sexta-feira coladinho, porque, claro, isso já está no pacote. Mas, como o diretor desse teatro chamado vida não colaborou com o roteiro, você está sozinha, em dívida com a depilação e... fazendo cara de “estou ótima!!” — assim, com duas exclamações. Sim, porque quem faz cara de “quero um namorado” pode arrumar de um tudo, menos um bofe pra chamar de seu.

Nesse momento você se arruma até pra comer pão na chapa na padaria, parece sempre feliz e, claro, nunca dispensa uma noitada. Ressaca? “Não, nunca fico de ressaca.” Maquiagem? “Adoro maquiagem, já acordo de rímel.” E dá-lhe autoestima. E dá-lhe fingir que ser solteira é incrível. E dá-lhe contar onde você trabalha, onde já morou e discorrer sobre os amigos em comum do Facebook. Ah... a balada, o lugar que você vai rezando para ser o mais legal do mundo mesmo quando sonha apenas com a sua cama e aqueles papinhos on-line que não levam a lugar nenhum. E dá-lhe fazer cara de “mulher solteira *não* procura!”.

Enquanto isso, no chuveiro, a pessoa chora desolada. Bloqueia e desbloqueia os bofes num ato desesperado de autoproteção. Sorri cinza, sofre, mas segue fingindo magistralmente que está tudo bem. Ninguém no mundo finge melhor que uma mulher louca para ser pedida em casamento, para fugir dali para qualquer lugar onde sejamos apenas dois. Namorado? “Pra que namorado? A vida é boa de viver assim, sozinha, livre.”

Ô, meu Deus, por que fizeram a gente assim? Alguém explica?

MANUAL DO CASINHO

(Porque até o limbo tem regras)

Depois que você já beijou, já sabe a densidade do colchão e do que se alimenta a geladeira do ficante, acho que podemos chamar essa relação de casinho. Aquele limbo com duas portas: uma que contém a relação séria, sogra e foto no porta-retratos, e a outra, direta e reta, que te leva, sozinha, para o início do tabuleiro. Pois bem, é nessa hora que vocês estão se curtindo e que tudo pode acontecer, que é preciso ter claro o que você engole pelo bem de um futuro casal e o que não engole (nem a pau). O momento é delicado e, mesmo que o time esteja mostrando entrosamento em campo, nem sempre as expectativas são as mesmas. Blá-blá-blá...

Mas uma coisa ninguém no mundo deveria engolir: a vergonha de posar de namoradinho. Explico: nessa fase é comum ir tomar café na padaria, pegar um cineminha ou tomar uma cerveja no boteco da esquina, certo? Mas, se a pessoa começa a pegar pânico de passar da porta da rua, a triplicar os ímãs de geladeira com telefones de entrega de comida e a propor trocar todo e qualquer convite seu por “uma coisinha aqui em casa”... comece a desconfiar. Não é porque é limbo que não tem algumas regras, certo? Ou esse seu par já tem um par, ou não tá a fim de que confundam, nem por um instante, esse casinho com um possível namoro. Ah, vá, né?!

ABAFA O BAFO

Muito se fala no romantismo de juntar as escovas de dentes ao casar. Mas ninguém fala que, alguns capítulos antes da fofa junção de cerdas, essas mesmas escovas podem ser um estorvo e, principalmente, podem dizer muito sobre o futuro cônjuge. É o que podemos, carinhosamente, chamar de dilema do bafo. Aquele momento em que você começa a dormir na casa do ser amado e vice-versa, mas ainda não tem uma gaveta e uma escova de dentes pra chamar de sua. É aqui, antes de um efetivo começo (ou beirando o fim de algo que poderia ter sido), que a relação com a escova de dentes pode ser crucial. E sem julgar o gosto e a higiene de cada um, claro!

Nada mais tranquilizador do que achar um par que se relacione com a escova de dentes da mesma forma que você. Porque, enquanto alguns mantêm um relacionamento aberto com a escova, outros seguem a cartilha da monogamia “escovística”, haja o que houver. Nojinho e promiscuidades à parte, ter uma escova esperando por você em uma casa que não é a sua pode deixar muita gente esperançosa. Mas o mesmo roçar de cerdas pode causar pânico ou até retirada imediata em alguns outros. Esses preferem o bafo ao incrível peso de possuir uma escova de dentes. Eu acho estranho. Mas como tem gente que não empresta sua escova por nada-neste-mundo, tendo a acreditar que sempre há um Listerine para cada boca... Mas o Facebook bem que poderia ajudar colocando junto com aquele bando de informações inúteis sobre nós o item:

Empresta a escova:

- Sim
- Não
- Só depois de casado
- Jamais
- ECA!

Sempre há aqueles tipos espertos que levam uma miniescova na bolsa pra não correr o risco de precisar pensar sobre a questão. Mas, se o prevenido tira da cartola também um limpador de língua, um mi-nienxaguatório bucal e aquele instrumento para limpar tártaro (assim, numa terça qualquer), aí complica. Bom... lá em casa complica. Aliás, se neguinho fica com nojo de usar minha escova, perde 10 pontos na tabela geral. Se recusa uma escova nova: perde 20! Quem foi que disse que usar a escova alheia é equivalente a aceitar pedido de casamento?



É ELE

Você acorda e pensa em como seria bom passar todos os sábados de manhã ao lado daquele gato. Seus corpos se reconhecem e se encaixam. Ele gosta do seu suspiro, dos seus seios. Você almoça e pensa em como seria bacana almoçar mais vezes regada a chamegos e vinho branco. Ele gosta do seu tempero, dos seus amigos. Ele gargalha e você pensa em como foi agraciada pela vida por ter alguém como ele por perto. Ele deixa um bilhete tosco e você pensa em, talvez, propor o repeteco hoje à noite. Ele compra os ingressos para o show e você pensa que poderia passar o resto dos seus dias com aquela pessoa. Você não responde às paqueras que pipocam no Facebook e pensa que, talvez, vocês estejam namorando, mas, diferente de outras vezes, isso não te incomoda. Afinal, é ele. Você liga, ele não atende. Você escreve, ele não responde. Você pergunta, só pra entender, e ele sugere que você saia com outras pessoas. Você desmonta. Ele desaparece.

COMO PERDER O “HOMER” DA SUA VIDA

Não importa se você procura um namorado, um marido ou um pai para o seu filho. Só o fato de estar procurando alguma coisa já atrapalha. No mundo masculino, eles gostam mesmo é do que não podem ter. Drama, frio na barriga, investigações on-line e tereteté com as amigas é coisa de menina. Os homens, por mais cera no cabelo que passem e cremes que usem, são da família Homer Simpson. E você pode tirar o cara de Springfield, mas não tira Springfield do cara!

Dez maneiras de perder o “Homer” da sua vida:

1. Logo na primeira noite juntos, roce o pé e faça cara de “quero casar com você”.
2. Depois de três dias juntos, diga que o ama. Ou melhor, declare seu amor no Facebook do sujeito.
3. Escreva um poema pra ele quando deveria dizer: “Gostoso, vem me comer”.
4. Na terceira semana de rolo, compre um presente caro e entregue num embrulho suntuoso.
5. Apresente-o como namorado antes dessa palavra ter sido colocada oficialmente.
6. Ao completar dois meses de rolo, comece a reclamar que ele bebe muito.
7. Assim que vocês assumirem o namoro, comece a falar em filhos (no plural).
8. Se ofereça para levar a sacola de roupa suja à casa da mãe dele.
9. Fuze o celular do fulano na primeira oportunidade que tiver. Se não achar nada, tente o e-mail.
10. Comece a falar da festa de casamento dos seus sonhos (a qualquer momento).

Tiro e queda.

PROCURA-SE UMA AMIGA

Deixe o seu recado após o sinal:

“Oi, sou eu! Cadê você? Me liga quando puder! Saudade de você, amiga!”

...

“Oi, perdeu o celular, foi? Me liga! Tenho novidades!”

...

“Porra, gurria! Você tá me ignorando? Pra passar o domingo chorando no meu colo eu sirvo, né? Mas assim que dá uma levantada tu some? Me liga.”

...

“Vaca! Você tá amando, né, bandida? Nem vê o celular tremendo enlouquecido na cabeceira da cama?! É aquele bofe da festa de gala? Mas já apaixonou? Puta merda, como tu é facinha... Aqui é sua ex-melhor amiga que vai te ignorar quando esse amor frívolo te fizer chorar. Beijo.”

...

“Tua mãe me ligou... Ignorar a amiga, o.k. Mas a mãe?! Ela tá preocupada... Mas não te preocupa, eu disse pra ela que você não foi sequestrada, só tá trepando loucamente pela casa, pelos cinemas e pelas ruas da cidade com um cara que, eu acho, chama Bento. Ela chocou. Melhor tu ligar lá.”

O FIM DO MIMIMI

Quando um homem não consegue ou não pode dizer alguma coisa que gostaria muito, ele pega no seu braço. Mas não é qualquer pegada que vem com um texto bonito embutido... tem que ser na altura do bíceps, forte (mesmo), quase incômoda e com os olhos atravessando os seus. Pensando bem, acho que são os olhos que dizem, o aperto é apenas para que seus olhos subam e alcancem a íris em frente. Dali saem textos mudos e lindos dos mais variados tipos. Pode ser desde “estamos juntos nessa, amor” até “casa comigo” ou “se eu pudesse te arrastava pra minha casa agora”. A pegada no braço tem boa chance de acabar em uma deliciosa noite de troca de fluidos (e, dizem, até em casamento), mas, mesmo que não chegue nesses estágios, pode curar dores musculares e autoestima baixa.

Já o “vem cá, minha nega”, que te encurrala num cantinho qualquer da casa, pode curar vários tipos de moléstia, de depressão a enxaqueca, passando por azedume crônico. Mas (infelizmente) não é qualquer agarro que traz as benesses do verdadeiro “vem cá, minha nega”. Para ser milagroso ele precisa ser na parede, na pia ou afins, ter um puxão de cabelo firme, enlace redondo na cintura e barba malfeita na nuca e no pescoço. Se não, pode até ser gostoso, mas não serve para fins medicinais. Um “vem cá, minha nega” por mês para cada ser do sexo feminino e poderíamos decretar o fim do mimimi. Imagina só?

Copyright © Lia Bock, 2013

A Editora Paralela é uma divisão da Editora Schwarcz S.A.

Grafa atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

ILUSTRAÇÕES Zé Otavio
PROJETO GRÁFICO Mateus Valadares
PREPARAÇÃO Juliana Moreira
REVISÃO Marina Nogueira e Angela das Neves

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Bock, Lia
Manual do mimimi : do casinho ao casamento (ou vice-versa) /
Lia Bock. — 1ª ed. — São Paulo : Paralela, 2013.

ISBN 978-85-65530-44-6

1. Crônicas brasileiras I. Título
13-09437 CDD-869.93

Índice para catálogo sistemático:
1. Crônicas : Literatura brasileira 869.93

[2013]
Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ S.A.
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 — São Paulo — SP
Telefone: (11) 3707-3500
Fax: (11) 3707-3501
www.editoraparela.com.br
atendimentoaoleitor@editoraparela.com.br

TIPOLOGIA Chronicle e National
PAPEL Pólen Bold
GRÁFICA Gráfica Bartira, setembro de 2013



A marca FSC® é a garantia de que a madeira utilizada na fabricação do papel deste livro provém de florestas que foram gerenciadas de maneira ambientalmente correta, socialmente justa e economicamente viável, além de outras fontes de origem controlada.